

Animais como psicopompos nas sepulturas do sítio arqueológico Justino? (Canindé de São Francisco — Sub-região de Xingó — Sergipe, Brasil)*

Albérico Nogueira de Queiroz**

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Carlos Eduardo Cardoso***

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Olivia Alexandre de Carvalho****

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Como citar este artículo: Queiroz, Albérico Nogueira de, Carlos Eduardo Cardoso y Olivia Alexandre de Carvalho. 2017. “Animais como psicopompos nas sepulturas do sítio arqueológico Justino? (Canindé de São Francisco — Sub-região de Xingó — Sergipe, Brasil)”. *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología* 28: 57-73. Doi: <https://dx.doi.org/10.7440/antipoda28.2017.03>

Artículo recibido: 30 de diciembre de 2016; aceptado: 27 de febrero de 2017; modificado: 27 de marzo de 2017.

Resumo: a sub-região conhecida como Xingó, a qual engloba a cidade de Canindé de São Francisco, localizado no estado de Sergipe, no nordeste do Brasil, abriga uma série de sítios arqueológicos. Destes, pode-se destacar o sítio Justino devido à presença de um grande quantitativo de vestígios, testemunho de populações pretéritas que ocuparam essa região. Nessa área, os remanescentes faunísticos integrados às sepulturas humanas sob os números 119 e 166 foram analisados com base em suas características morfológicas e contexto fúnebre,

* Projeto de Pesquisa desenvolvido no Laboratório de Bioarqueologia (LABIARQ), Departamento de Arqueologia (DARQ) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil.

** Doutor em Sciences — mention biologique. Université de Genève, Suíça. Professor do Laboratório de Bioarqueologia, Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Dentre as últimas publicações, destaca-se: coautor em “Whole Vertebrates and Invertebrates Related to Human Burials From Xingo Region, Sergipe and Alagoas States, Northeastern Brazil”. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano* 1: 122-128, 2014; coautor em “Dated evidence of the interaction between humans and megafauna in the late Pleistocene of Sergipe state, northeastern Brazil”. *Quaternary International* 352: 197-199, 2014. ✉aqueiroz@hotmail.com

*** Mestrado em Arqueologia, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe (UFS). Dentre as últimas publicações, destaca-se: coautor em “Whole Vertebrates and Invertebrates Related to Human Burials From Xingo Region, Sergipe and Alagoas States, Northeastern Brazil”. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano* 1: 122-128, 2014. ✉kaduhandebol@hotmail.com

**** Doutora em Sciences — mention biologique. Université de Genève, Suíça. Professora do Laboratório de Bioarqueologia, Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Dentre as últimas publicações, destaca-se: coautora em “Dated evidence of the interaction between humans and megafauna in the late Pleistocene of Sergipe state, northeastern Brazil”. *Quaternary International* 352: 197-199, 2014. ✉ocarvalho99@hotmail.com

cujos resultados demostraron tratar-se da espécie *Galictis cuja* (Molina 1782) (mamífero da família *Mustelidae*) e de uma ave de rapina de tamanho médio, com características semelhantes a um falcónido adulto, respectivamente. O estudo das sepulturas humanas na região de Xingó, nas quais os animais foram inumados inteiros, com os ossos em conexão, indicou um contexto ritual e simbólico elaborado de práticas mortuárias humanas e animais. Esse conjunto levou ao estabelecimento de uma analogia com o encontrado na literatura sul-americana, a qual relata, em casos caracteristicamente semelhantes no Peru (complexo Huaca del Sol e Huaca de la Luna), a função de animais como condutores da vida à morte, ou guia das almas, conhecidos na literatura como psicopompos. Essa prática em especial envolve comumente a fauna de diferentes espécies associadas a sepultamentos humanos, cuja iconografia, inclusive, relata essas relações humano-animal nos contextos funerários em períodos pré-coloniais.

Palavras-chave: Arqueologia, morte, Brasil (Thesaurus); zooarqueologia, psicopompos, Sítio arqueológico Justino (palavras-chave dos autores).

¿Animales como psicopompos en las sepulturas del Sitio Arqueológico Justino? (Canindé de São Francisco — Sub-región de Xingó — Sergipe, Brasil)

Resumen: la sub-región conocida como Xingó, la que engloba la ciudad de Canindé de São Francisco, ubicada en el departamento de Sergipe, en el noreste de Brasil, abarca una serie de sitios arqueológicos. De estos, se puede destacar el sitio Justino dada la presencia de un gran número de vestigios, testigo de poblaciones pretéritas que ocuparon esa región. En esta área, los remanentes faunísticos integrados a las sepulturas humanas bajo los números 119 y 166 se analizaron con base en sus características morfológicas y contexto fúnebre, cuyos resultados demostraron que se trataba de la especie *Galictis cuja* (Molina 1782) (mamífero de la familia *Mustelidae*) y de una ave de rapiña de tamaño mediano, con características similares a un falcónido adulto, respectivamente. El estudio de las sepulturas humanas en la región de Xingó, en las que los animales fueron inhumados enteros, con los huesos en conexión, indicó un contexto ritual y simbólico elaborado de prácticas fúnebres humanas y animales. Ese conjunto llevó al establecimiento de una analogía con el encontrado en la literatura suramericana, la que relata, en casos característicamente similares en Perú (complejo Huaca del Sol y Huaca de la Luna), la función de animales como conductores de la vida a la muerte, o guía de las almas, conocidos en la literatura como psicopompos. Esta práctica en especial involucra comúnmente la fauna de diferentes especies asociadas a enterramientos humanos, cuya iconografía, incluso, relata esas relaciones humano-animal en los contextos funerarios en períodos precoloniales.

Palabras clave: arqueología, Brasil, muerte (Thesaurus); psicopompos, Sitio Arqueológico Justino, zooarqueología (palabras clave de los autores).

Animals as Psychopomps in the Tombs of the Justino Archaeological Site? (Canindé de São Francisco — Sub-region of Xingó — Sergipe, Brazil)

Abstract: The sub-region known as Xingó in the town of Canindé de São Francisco, in the State of Sergipe (Northeastern Brazil), has several important archaeological sites, among which the Justino site stands out for having many traces of the ancient populations who occupied it. In this area faunal remains found in human tombs (numbers 119 and 166) were analyzed on the basis of their morphological characteristics and funerary context and identified, respectively, as the *Galictis cuja* species (Molina, 1782) (tomb 119), a mammal of the *Mustelidae* family, and a bird of prey of medium size (tomb 166), with characteristics similar to an adult of the Falconidae family. A study of the human burials in the region of Xingó, where whole animals were buried indicates a symbolic ritual context associated with practices of human and animal burial. This grouping raises the possibility of establishing an analogy with what is found in the anthropological literature on South America, which refers to cases with similar characteristics in Peru (Huaca del Sol and Huaca de la Luna complex), where animals served as guides to the realm of death, ones which, in that context, are known as psychopomps. This practice especially involved the common use of the fauna of different species associated with human burials, and even the iconography of such sites speak of these human-animal relationships in pre-Columbian funerary contexts.

Keywords: Archaeology, Brazil (Thesaurus); zooarchaeology, psychopomps, Justino Archaeological Site, human burial (authors' keywords).

O sítio arqueológico Justino está localizado no município de Canindé de São Francisco, numa sub-região conhecida como Xingó, no semiárido do estado de Sergipe (figura 1). A área onde foram realizadas as escavações possui um regime pluviométrico extremamente baixo durante o decorrer do ano (Reis 1976). Já a vegetação é caracterizada por espécies arbustivas, espaçadas, caducifólias, hiperxerófilas plenamente adaptadas ao clima quente e seco (Dominguez e Britcha 1997).

A exemplo da vegetação, a fauna também apresenta propriedades adaptativas referentes ao ambiente encontrado na caatinga, como a baixa retenção hídrica e a quantidade escassa das opções alimentares, em relação a outras regiões do país. Apesar das adversidades impostas pelo clima, a biodiversidade revela os mais variados *taxa*, tais como: mamíferos, aves, répteis, peixes e anfíbios (Leal *et al.* 2005).

Sobre o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas, a região de Xingó foi estabelecida em três áreas distintas de acordo com as divisões geográficas e ecológicas que compartilham números expressivos de assentamentos de grupos humanos pré-históricos (pré-coloniais) (Martin 2005). O sítio arqueológico Justino faz parte da área 3 num total de 16 sítios, onde o potencial de estudos científicos se demonstrou multidisciplinar devido à quantidade e à diversidade da cultura material (Silva 2013).

Figura 1. Localização do município de Canindé de São Francisco, Sub-região de Xingó, Sergipe, Brasil



60 *Fonte:* autores.

A princípio, o sítio arqueológico Justino estaria incluído no processo de salvamento arqueológico, contudo, durante as escavações, foi observada capacidade demonstrada pela quantidade de elementos referentes aos grupos humanos que ocupações e/ou passaram nessa região. Esse sítio é até o momento considerado a maior necrópole escavada sistematicamente no nordeste brasileiro (figura 2), acreditando-se que a intervenção tenha atingido as ocupações mais antigas que existiram nessa área (Martin 1996).

Figura 2. Escavação no sítio arqueológico Justino



Fonte: acervo do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX).

O salvamento arqueológico na área impactada pela Usina Hidrelétrica de Xingó (UHE-Xingó/CHESF) foi realizado pelo Projeto Arqueológico de Xingó (PAX) e corresponde à Lei 3.924 de julho de 1961, na qual há a necessidade de salvaguardar “jazidas” ou sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais com existência prolongadas de aldeamentos, nos quais oferecem vestígios da presença humana de interesse arqueológico ou paleoetnográfico. A intervenção foi necessária devido à iminência da implantação da usina hidrelétrica no fim dos anos 1980, principalmente pelo impacto ambiental e social que viria a causar (Luna 1996).

O resultado das escavações no sítio arqueológico Justino foi a quantidade de dados arqueológicos encontrados a respeito da cultura material das populações pretéritas, cujos vestígios se mostram imensuravelmente importantes para realizar inferências sobre o cotidiano desses grupos que ocuparam a região de Xingó. Entre esses remanescentes, restos faunísticos têm particular relevância para a pesquisa zooarqueológica, sobretudo em relação aos animais evidenciados em sepulturas humanas (Simon *et al.* 1999; Queiroz e Carvalho 2005; Carvalho 2006; Queiroz *et al.* 2014; Cardoso 2015).

No aspecto contextual geral do sítio Justino, o quantitativo e a variabilidade tipológica dos artefatos resgatados no Justino, onde se constatou a presença de uma indústria lítica constituída por instrumentos talhados e polidos; vasilhames cerâmicos de diversos tamanhos, alguns dos quais associados aos sepultamentos humanos, além de uma necrópole bem-estabelecida, caracterizada por diversos enterramentos primários (em sua maioria) e secundários, permitem considerar para esse sítio um modo de vida predominantemente gregário, adaptado às condições naturais oferecidas pela vegetação da caatinga e pelo rio São Francisco. As cronologias obtidas para a necrópole do Justino apontam igualmente para quatro cemitérios (A, B, C e D), cinco fases, três ocupações e oito datações não calibradas que vão de 8950±70BP a 1780±60BP (Fagundes 2007; Santana 2013).

Em algumas sepulturas, foi verificada a existência de conchas e esqueletos animais associados aos indivíduos humanos (Carvalho *et al.* 2002), hipoteticamente como parte de rituais funerários, em que a fauna pode ter uma importância similar a uma oferenda ou sacrifício para determinados indivíduos mortos daquela população, provavelmente em função de sua posição hierárquica naquela população. As sepulturas 119 e 166 estão entre as amostras observadas por apresentarem um perfil incomum em sítios com presença de fauna no nordeste do Brasil; em ambas as sepulturas, existe uma evidente associação entre o ser humano e os vestígios animais, a qual merece uma particular observação no que se refere a esqueletos de animais completos ou parcialmente completos, ou seja, os ossos foram evidenciados ainda em conexão anatômica (Simon *et al.* 1999; Queiroz e Carvalho 2005; Queiroz *et al.* 2014; Cardoso 2015), o que provavelmente denotaria a inumação desses animais ainda com pele (um furão) e penas (uma ave de rapina), respectivamente, porém, apesar da suposição de um ritual fúnebre complexo para a necrópole do sítio arqueológico

Justino, com elementos adicionais distintos de outros sítios no país, animais inteiros ou parcialmente inteiros associados aos sepultamentos humanos.

Psicopompo

As atribuições dessa terminologia não definem apenas um ser vivo ou objeto de forma específica, as referências sobre o psicopompo estão em inúmeras culturas distantes espacial e cronologicamente. Assim, os detentores da função de psicopompo possuem diversas origens conforme suas crenças, embora compartilhem de algumas propriedades em comum, tais como: as possíveis ligações culturais existentes no núcleo de determinado grupo humano, a transição da vida à morte que dependa do guia das almas (psicopompo) e, em muitos casos, os objetos e/ou animais são geralmente enterrados associados aos indivíduos mortos (Goepfert 2008).

A palavra *psicopompo* tem sua gênese no grego e sugere a junção de dois termos: *psyché* (alma ou espírito) e *pompós* (guia), ou seja, algo ou alguém, cuja atribuição é conduzir as almas dos mortos para o inframundo ou mundo dos mortos. A mitologia em que se originou o termo relata a literalidade da função de conduzir ou levar o espírito dos indivíduos (Goepfert 2008).

Segundo Balieiro *et al.* (2015), o termo descrito aponta essa função do ser ou figura, cuja propriedade é acompanhar a alma nos processos de transição. Conforme Whitmont (2002), o arquétipo psicopompo é observado como um guia interior, que atua como mediador entre a consciência e a inconsciência.

De fato, não se pretende aqui evocar todos os contextos possíveis ou buscar um amplo entendimento sobre os aspectos arqueológicos, etnoarqueológicos ou etnológicos e antropológicos relacionados ao psicopompo nem se pretende defender posicionamentos teóricos mais profundos, mas tenciona-se introduzir uma ampla discussão sobre a temática, a partir das evidências registradas num sítio arqueológico pré-colonial brasileiro, comparando com uma cultura pré-andina no tocante à complexidade dos ritos funerários e recorte cronológico.

As informações a respeito do psicopompo apresentam diversas interpretações e sofrem mudanças que dependem do núcleo cultural ou regional. Alguns casos mundiais poderiam servir como breves exemplos, ilustrando os diversos contextos, por exemplo, na mitologia hindu, em que se estabelece o falcão como raptor, como um ser sagrado que conduz a alma do morto através dos ventos para o “criador” até a libertação da “nova morte” (Jung 2011), ou como termos definidos, de acordo com a região, Exu (África), Ganesha (Índia), Hermes (grega) e Toth (egípcia), ou “condutores de almas” na Mesoamérica (Franch 1997; González Torres 2001), e mais particularmente na América do Sul (Franch 1997; García Escudero 2010). Logicamente, existem outras denominações de seres diferentes em outras culturas, isso se explica pela generalidade da compreensão dos grupos em relação ao psicopompo e à complexidade das implicações xamânicas ou arquetípicas (Jung 2011; Moreman 2014), o que suscitaria inúmeras controvérsias, em se tratando de um universo considerado por alguns estudiosos ainda como abstrato. Outros casos nos quais os “guias

das almas” poderiam igualmente estar simbolizados seriam pelos vestígios animais associados aos contextos fúnebres humanos resultantes de escavações arqueológicas ou mesmo presentes nas representações iconográficas (figura 3).

Figura 3. Cena de união sexual no ambiente dos mortos



Fonte: Goepfert 2008 citado por Donnan 1982.

A terminologia permite a simples compreensão da função de conduzir as almas; no entanto, uma quantidade imensurável de culturas nas quais o psicopompo é parte integrante dos rituais de passagem se torna um desafio aos pesquisadores, considerando a alta carga simbólica intrínseca a essas populações. Na figura 3, observa-se uma cena de uma manifestação sexual funerária da Cultura Moche do Peru, num primeiro plano, envolve animais, celebrações, relações sexuais e um indivíduo que é inumado. No segundo plano, a representação da transição da vida à morte na qual podem ser observados artefatos como oferenda e animais possivelmente sacrificados para acompanhar o morto até o mundo dos mortos (Goepfert 2008).

A figura do psicopompo no Justino?

Os esqueletos das sepulturas 119 (Mustelídeo) e 166 (Ave) fazem parte de um universo mortuário de populações pré-históricas, cuja ocupação deixou vestígios ao longo das margens do rio São Francisco. Existem fatores que levam a acreditar na prática de oferenda ou sacrifício no núcleo mortuário desses grupos (Queiroz e Carvalho 2005; Queiroz *et al.* 2014).

Esses fatores observados durante a investigação são, num primeiro momento, a associação com os esqueletos humanos inumados num mesmo enterramento, além do fato de que, em ambas as sepulturas, os animais encontravam-se articulados. Num segundo momento, as observações realizadas de forma minuciosa apresentam características capazes de fornecer dados suscetíveis de inferir uma interpretação das possíveis motivações dessas populações associarem elementos da fauna em sepulturas humanas.

Os vestígios faunísticos encontrados no contexto funerário oferecem subsídios para a compreensão do cotidiano dos grupos pretéritos, sobretudo com relação às

atividades, cuja realização resultou em cultura material, na qual os esqueletos de animais inumados em enterramentos humanos são fortes indícios da apropriação simbólica das populações pré-hispânicas a respeito da fauna, como os cães na Mesoamérica (González Torres 2001) e outros animais vertebrados e invertebrados (García Escudero 2010).

Tanto o furão (*Galictis cuja* Molina 1782) da sepultura 119 como a ave da sepultura 166, em análises de laboratório, não apresentaram estigmas da utilização de ferramentas, as quais permitiriam caracterizar esses animais em outros contextos, como fonte de dieta ou outro tipo de prática econômica. Os indícios, portanto, tornam-se mais enfáticos com a ausência de marcas nos ossos dos animais, levando em consideração a inserção dessa fauna no âmbito fúnebre que acompanhava os humanos.

De acordo com as referências até então disponíveis sobre a presença de elementos faunísticos que acompanham sepulturas humanas em cronologia pré-coloniais no Brasil, não haviam sido encontrados registros semelhantes nos contextos mortuários em outras regiões (particularmente os animais inteiros ou parcialmente inteiros associados aos indivíduos inumados).

Ao compreender as questões em torno do termo *psicopompo*, bem como das manifestações rituais e mortuárias, cuja cultura é claramente um fator introdutório dessa função aplicada a um ser vivo ou objeto, porém é preciso cautela ao aproximar a atribuição de psicopompo dos animais associados aos mortos nas sepulturas 119 e 166, uma vez que essa teoria ainda resta no campo hipotético, até que novos indícios possam reforçar tal colocação. Dessa forma, para fins ilustrativos com outros contextos sul-americanos, indícios apontam comparativamente esses casos ao complexo de sítios no Peru de Huaca de la Luna e Huaca del Sol, ambos formam um conjunto Huacas de Moche, principal núcleo urbano da antiga população Mochica, cujo desenvolvimento ocorreu no Vale del Moche entre os anos 2050 BP à 1450 BP (Aguilar *et al.* 1999; Goepfert 2008). Assim, respeitando as distinções culturais e histórico-geográficas, é possível postular a hipótese de guia das almas para a fauna do sítio Justino.

Nessa cultura peruana, a iconografia é largamente estudada desde o século XIX; nela, é possível observar cenas de festins, que envolvem rituais mortuários e a referência à função de guia das almas, ou psicopompo, vinculados à fauna, sobretudo aos camelídeos (Goepfert 2010) e às aves strigiformes (corujas) inumados juntos aos mortos da cultura mochica. Esse dado é uma forte evidência da importância desses animais no contexto funerário para essa população pretérita (Arsenault 1992; 1994).

Considerando as características similares, é plenamente plausível explorar a hipótese de prática ritual em que há uma manifestação, na qual é possível apontar a fauna no Justino como psicopompo. A comparação tem, logicamente, e conforme mencionado, adversidades ligadas principalmente ao contexto histórico-cultural nas diferentes populações apresentadas neste estudo; no entanto, devido às condições observáveis em ambas as realidades, torna-se considerável o postulado para o mustelídeo e a ave associados às inumações humanas do Justino como “condutores de almas”.

É importante salientar que a configuração da fauna, tanto no sítio Justino como nos sítios peruanos mochicas, parece apresentar uma função bastante específica nesses contextos. As análises realizadas em laboratório sobre os animais associados aos esqueletos 119 e 166, foram reveladoras no tocante a essa proposição, uma vez que foi evidente a ausência de estigmas que corroboram contrariamente à hipótese de apropriação simbólica desses animais pelos grupos humanos pretéritos em Xingó.

A leitura contextual dos esqueletos e sua fauna associada foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa a respeito dos aspectos culturais e mortuários dos grupos que habitaram a região estudada. É imprescindível refletir sobre quais circunstâncias os animais eram escolhidos para fazer parte do “cerimonial” funerário, bem como a relação existente entre o indivíduo morto e as espécies selecionadas para esse fim.

Apesar de constituírem uma pequena fração, se comparado ao quantitativo de esqueletos humanos exumados no sítio arqueológico Justino (quase 200), dos quais, ao menos 21 sepultamentos apresentavam elementos faunísticos associados (Carvalho *et al.* 2002), em sua maioria sob forma de artefatos (contas de colar em osso, dentes perfurados na região da raiz, “flauta” óssea perfurada e polida), os indivíduos das sepulturas 119 e 166 foram os poucos que apresentaram esqueletos de animais completos, bem-articulados e posicionados por sobre os esqueletos humanos ou parcialmente completos, visto que alguns elementos ósseos não estavam presentes e possivelmente foram dispersos por agentes naturais ou por atividades antrópicas recentes, as quais teriam provocado algum tipo de perturbação nas sepulturas em questão. Assim, essas duas sepulturas foram as que melhor apresentaram dados relevantes para a formulação de hipóteses sobre as práticas fúnebres e suas prováveis inferências simbólicas durante o período de ocupação humana pré-colonial naquela área; portanto, foram o principal foco desta investigação.

Uma outra perspectiva poderia ser considerada para explicar a complexidade da relação entre os humanos e os animais em contextos funerários, partindo da concepção do “animal de estimação”, também conhecido como “xerimbabo” por alguns grupos indígenas amazônicos recentes (Erikson 1983; 2012); entretanto, optamos por manter o foco entre os contextos pré-coloniais, mesmo que oriundos de distintas regiões e culturas, devido à proximidade cronológica e a semelhanças ritualísticas.

Sepultura 119

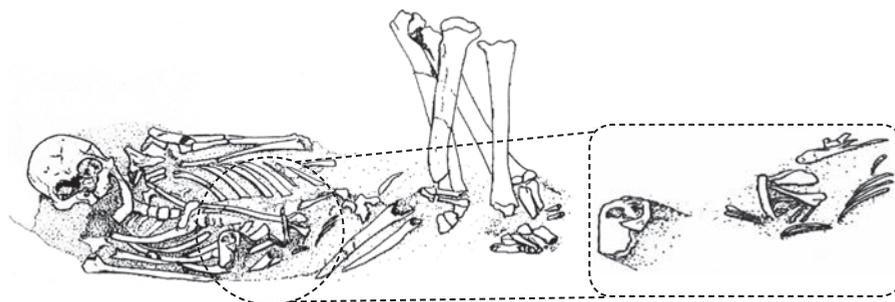
Conforme a diagnose da sepultura, esse indivíduo foi sepultado numa posição decúbito dorsal, num sepultamento primário e individual; seus membros inferiores estavam elevados e flexionados, e peças cerâmicas foram encontradas sobre a região do crânio e do abdômen. O esqueleto em questão pertence ao sexo masculino, afirmativa resultante da análise das características dos ossos que contribuem para a determinação do sexo (Queiroz e Carvalho 2005; Carvalho 2006).

A datação estabelecida para esse indivíduo foi de 2650±160 B.P. (Queiroz e Carvalho 2005); utilizando pequenas amostras de tecido ósseo, a respeito da idade, o resultado revelou uma faixa aproximada entre 40 e 45 anos de acordo com

consolidação das suturas cranianas. Devido aos fatores naturais como agentes químico-físicos, cuja ação pode afetar elementos orgânicos como ossos, pele e pelos, o esqueleto estava em estado friável e apresentava fraturas transversais, longitudinais e oblíquas somadas, ainda, a microfissuras e fissuras. Alguns ossos sofreram pressão sedimentar, além de reentrâncias e perfurações ocasionadas pela ação da erosão e de agentes fúngicos, o que comprometeu a conservação do esqueleto ao longo do tempo (Queiroz e Carvalho 2005).

Segundo Queiroz e Carvalho (2005), nessa mesma sepultura, foi evidenciado um esqueleto de animal parcialmente completo, articulado, com esqueleto em conexão anatômica, com poucos ossos menores dispersos, tratando-se de um representante da família Mustelidae, um furão *Galictis cuja* (Molina 1782), cujas características morfológicas levam a acreditar que este teria sido inumado antes da fase adulta (figura 4). Torna-se importante considerar que o registro dessa espécie em contextos funerários no Brasil, até o presente momento, configura-se como inédito e que, devido às particularidades de sua inumação (posição do corpo em relação ao esqueleto humano, ausência de estigmas ou marcas de violência, ossos articulados), não se considerou a possibilidade deste ser um animal intrusivo (bioturbação).

66 **Figura 4.** Desenho da sepultura 119, em destaque, na região abdominal do indivíduo humano, o furão (*Galictis cuja* Molina 1782)



Fonte: autores, modificado de Simon *et al.* 1999 e Carvalho 2006.

O furão (*Galictis cuja* Molina 1782) foi depositado sobre o abdômen do indivíduo humano na sepultura. Ao levar em consideração que esse animal apresentou um esqueleto com os ossos articulados e em conexão, foi possível propor a hipótese de ato simbólico ao inumar no mesmo enterramento um ser humano e um animal. Nesse sentido, um fator a se tratar são os valores provavelmente atribuídos ao *Galictis cuja* (Molina 1782), que podem estar associados à esfera funerária, quando esse animal foi inserido no contexto fúnebre exclusivamente para a cerimônia de enterramento ou numa representatividade material, referindo-se a uma ligação pré-morte do indivíduo humano com o animal (mascote ou animal de companhia).

Sepultura 166

Nessa sepultura, foi evidenciado um indivíduo humano adulto com sexo indeterminado, inumado de forma primária num recipiente cerâmico, provavelmente como parte de um ritual mortuário. O esqueleto humano estava em mau estado de conservação, com ossos friáveis, fissurados e fraturados, de forma similar ao do indivíduo 119. A bioerosão foi provocada pelos processos tafonômicos do sedimento. A datação apontou para uma cronologia de 1770 B.P. (Queiroz e Carvalho 2005).

Um fato que distingue essa sepultura da do sepultamento 119, na qual foram depositados vasilhames cerâmicos que recobriam a região cranial e abdominal do indivíduo humano, com o esqueleto do animal, refere-se à inumação dos indivíduos (humano e animal) dentro de uma peça cerâmica. Embora exista um ponto em comum entre as duas sepulturas, a presença de animais completos (com ausência de alguns ossos devido à dispersão e a agentes tafonômicos), com esqueleto articulado e em conexão anatômica. Quanto ao esqueleto humano da sepultura 166, foi evidenciada uma ave de médio porte, cujas análises morfológicas -em particular do bico, alongado, ligeiramente recurvado e pontiagudo- apontaram para uma ave de rapina (figura 5). As observações realizadas sobre o exemplar faunístico não foram bem-sucedidas na determinação de espécie. No mesmo sentido, as análises resultaram em informações aproximadas, em virtude de o conjunto sepulcral ter sido completamente recoberto por resina acrílica (Paraloid), o que impossibilitou a inumação completa da sepultura. Em estudos posteriores, procedeu-se com a remoção química e mecânica dessa resina acrílica (Cardoso 2015), contudo se observou que a continuidade do procedimento comprometeria a integridade das peças ósseas; assim, o procedimento foi interrompido.

Figura 5. Indivíduo inumado (sepultura 166) em recipiente cerâmico com uma ave de rapina associada (em detalhe)



Fonte: Carlos Eduardo Cardoso.

Conforme informado, essa ave foi encontrada articulada e com ossos em viável conexão anatômica e associada ao corpo de um indivíduo humano; grande parte dos ossos do animal estava presente. A descoberta de elementos ósseos de animais que acompanham os esqueletos humanos é uma amostra bastante plausível da existência de interações entre o homem e a fauna nessa população pré-colonial no âmbito sepulcral, e cuja relação amplia as hipóteses suscetíveis diante das evidências encontradas na sepultura, principalmente com referências às práticas de teor ritual nos sepultamentos dessas populações (Queiroz e Carvalho 2005).

A presença de restos faunísticos pode determinar uma parcela do cotidiano de vida dessas populações em que a fauna silvestre parece deter um caráter importante diante desses grupos pré-coloniais que habitaram a região Nordeste, em particular a sub-região de Xingó.

Assim como na inumação do indivíduo 119, existe uma palpável possibilidade de que o esqueleto 166 tenha sido sepultado por meio de práticas rituais, fator esse que sugere uma considerável carga simbólica e pode envolver múltiplas interpretações sobre os motivos que levaram essa população a inserir animais em sepulturas ocupadas por humanos.

68

Resultados e discussão

No universo das complexas relações humano-animais, existem diversos questionamentos e hipóteses sobre as origens e as formas de representação no decorrer do tempo. No Brasil, ainda existem diversas lacunas quanto ao estudo e à busca do entendimento sobre o quão importante o elemento animal é na psique e como compreender sua presença no ambiente funerário.

No caso particular da necrópole do sítio arqueológico Justino, os dados obtidos nas análises empreendidas sobre as duas sepulturas que apresentaram animais completos ou parcialmente completos associados aos sepultamentos humanos consideram o pressuposto em que os vestígios zooarqueológicos estavam incluídos no contexto simbólico presente na inumação dos indivíduos, o que caracteriza um exemplo de relação multifacetada entre as populações humanas pré-coloniais e a fauna. Apesar de poucas amostras, é possível que haja uma reincidência de esqueletos completos desses animais encontrados no sítio Justino e talvez em outras regiões arqueológicas do país, ainda pouco representativas na literatura zooarqueológica, mas que abrem a possibilidade de se propor padrões de enterramentos humanos com a inserção de elementos faunísticos depositados simbolicamente como psicopompo.

Estudos sobre o modo de vida das populações pretéritas na Mesomérica e na América do Sul, bem como de grupos indígenas recentes na Amazônia, apontam para a importância de alguns animais símbolos de poder ou mesmo como “guias das almas”, ainda que o status de “psicopompo” não figure claramente nos trabalhos (González Torres 2001; García Escudero 2010; Erikson 2012).

Dessa forma, para o sítio Justino, os resultados baseados em evidências obtidas em escavações forneceram dados promissores sobre os animais presentes nos

enterramentos 119 e 166, além de permitirem subsidiar as primeiras inferências a respeito do comportamento simbólico, aqui proposto, entre os indivíduos das populações ocupantes daquelas áreas arqueológicas estudadas em Xingó e a arqueofauna presente em suas práticas funerárias. Ainda, apresentaram uma pretensa importância e influência social exercida pelos indivíduos e a motivação desses grupos para inumar os animais associados aos humanos nas sepulturas nessas sociedades.

Neste estudo, o parâmetro de comparação utilizado foram os resultados das escavações arqueológicas no vale peruano onde, em enterramentos mochicas (Goepfert 2008; 2010), foram encontrados animais completos associados a humanos numa mesma sepultura, muito semelhantes aos encontrados no Justino em Xingó (Simon *et al.* 1999; Queiroz e Carvalho 2005; Queiroz *et al.* 2014; Cardoso 2015). Dessa forma, acreditamos que se possa elaborar hipóteses a respeito das possíveis relações existentes entre ambos, mesmo diante de regiões e contextos distintos. Assim, é possível considerar os prováveis aspectos simbólicos dos indivíduos inumados na região nordeste do Brasil, uma vez que os esqueletos de animais se encontravam de forma organizada dentro das sepulturas humanas relacionadas neste estudo, o que poderia estar relacionado à posição social diferenciada do indivíduo com respeito aos demais.

O tratamento diferenciado do morto na prática funerária estaria diretamente vinculado ao status social dele; assim, todo o mobiliário mortuário, inclusive os elementos da fauna, corroboraria com legitimação da influência social desse indivíduo em vida. Além disso, a ideologia do psicopompo demonstrada na iconografia Moche poderia ser seletiva, ou seja, somente os indivíduos privilegiados socialmente acabariam sendo conduzidos por esses animais (Goepfert 2008). Será que tais princípios poderiam ser considerados nos casos apresentados para o sítio Justino?

Essa hipótese ocupa grande parte da pesquisa a partir da observação das estruturas, já que parece expor um comportamento de interação entre o homem e os animais no contexto ritual/funerário, que envolve o papel de psicopompo desses elementos faunísticos e as inumações com seres humanos. Essa associação é evidente no sítio Justino, embora seja necessário estabelecer mais evidências que relacionem os aspectos ligados à função de psicopompo do furão (*Galictis cuja* Molina 1782) e da ave de rapina em outra sepultura. Além dos aspectos que relacionam os humanos aos animais no sítio arqueológico Justino, existem igualmente fatores ecológicos e paleoecológicos relevantes a se considerar, uma vez que o furão é um animal raramente relatado para a sub-região semiárida de Xingó, mesmo sendo um animal também ocorrente no Bioma da Caatinga (Bornholdt *et al.* 2013). Já entre as aves de rapina frequentemente encontradas naquela localidade, a espécie *Caracara planctos* (Miller 1777), conhecida em boa parte do nordeste brasileiro como “caracara”, com outros nomes regionais (“caracará”, “carancho”, “gavião-de-queimada”, “caracará”). Em revisões sobre a zooarqueologia brasileira, em particular no tocante aos vertebrados terrestres, não ocorrem registros em outras regiões sobre a presença de *Galictis cuja* (Molina 1782) relacionado a contextos culinários ou mortuários,

nem mesmo para as aves de rapina em geral (Queiroz 1999; Queiroz e Carvalho 2008; Queiroz 2010).

Tomando-se como exemplo os diversos aspectos da cultura Moche, enquanto significado da fauna no universo simbólico e na psique mochica, os camelídeos seriam normalmente utilizados como meio de transporte de carga. Assim, nessa ideologia, esses animais teriam o papel, uma vez sacrificados, de levar as almas dos mortos para o plano espiritual; já as aves com sua habilidade de voo, eram vistas como “raptoras de almas”, cuja função seria levar (roubar) o espírito do morto (Goepfert 2012).

Conclusão

Levando-se em consideração as particularidades observadas na necrópole do Justino, caracterizada pela presença de acompanhamentos faunísticos sob a forma de adornos e artefatos, em particular as duas sepulturas humanas cujos ossos animais se encontravam articulados e em conexão anatômica, muito diferente do registrado em outros sítios continentais brasileiros, foi possível propor, ainda que de forma preliminar, uma comparação com outras áreas arqueológicas com contextos similares em estrutura funerária. Nesse sentido, este estudo buscou compreender o possível status dos animais considerados como “psicopompo”.

Seguindo os princípios teóricos e as observações empíricas no contexto peruano como um provável exemplo, a partir de suas semelhanças com as duas amostras brasileiras do sítio arqueológico Justino, o conceito de *psicopompo* poderia ser atribuído à fauna em algumas práticas funerárias da considerada “cultura xingoana”. O aspecto comum encontrado nas escavações arqueológicas daquele contexto sul-americano com o registrado no sítio arqueológico Justino ocorreu pela observação das estruturas funerárias, onde foram encontrados animais completos associados aos enterramentos humanos. No Justino, existem igualmente inumações humanas com conchas, ossos e esqueletos de animais incompletos, o que caracteriza um modo de vida bastante adaptado às condições ambientais, o que poderia promover a subsistência desses grupos pré-coloniais nos últimos três milênios e permitir, assim, o desenvolvimento de práticas mortuárias complexas.

No caso das sepulturas humanas 119 e 166, em que os esqueletos animais se encontravam em perfeita conexão anatômica, além da ausência de marcas de violência nos ossos, as quais poderiam igualmente indicar uma das formas violentas de sacrifício, há um tratamento diferenciado, bem distinto daqueles comumente observados no processamento dos animais para finalidades culinárias e econômicas, assim como no tratamento e na produção de subprodutos, artefatos e utensílios.

As semelhanças estruturais com o caso peruano nos levam a defender a hipótese de que esses animais possuíam um significado diferencial quanto à sua representatividade simbólica, assim como, rituais fúnebres desenvolvidas pelos indivíduos que habitaram a sub-região de Xingó.

Referências

1. Aguilar, Javier, Raúl Bellodas, Jorge Gamboa, Olga Haro, Delicia Regalado. 1999. "Estudio Arquitectónico de la Plaza 1, Huaca de La Luna, Valle de Moche". Segundo Informe preliminar de trabajo de campo, Escuela Académico Profesional de Arqueología, Universidad Nacional de Trujillo, Perú.
2. Arsenault, Daniel. 1992. "Pratiques alimentaires rituelles dans la société mochica: le contexte du festin". *Recherches Amérindiennes au Québec* 22 (1): 45-62.
3. Arsenault, Daniel. 1994. "Symbolisme, rapports sociaux et pouvoir dans les contextes sacrificiels de la société mochica (Pérou précolombien). Une étude archéologique et iconographique", tese de doutorado, Université de Montréal, Canadá.
4. Balieiro, Cristina, Dimas A. Künsch, Lobato Marcelo Martinez, José Eugenio Menezes. 2015. "A imagem arquetípica do psicopompo nas representações de Exu, Ganesha, Hermes e Toth". *Revista de Estudos Universitários* 41(2): 295-311.
5. Bornholdt, Renata, Kristofer Helgen, Klaus-Peter Koepfli, Larissa Oliveira, Mauro Lucherini, Eduardo Eizirik. 2013. "Taxonomic revision of genus *Galictis* (Carnivora: Mustelidae): species delimitation, morphological diagnosis and refined mapping of geographic distribution". *Zoological Journal of the Linnean Society* 167: 449-472.
6. Cardoso, Carlos E. 2015. "A aplicação de resina consolidante e a arqueofauna nas práticas funerárias do sítio arqueológico Justino, Canindé de São Francisco, Sergipe, Brasil", dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil.
7. Carvalho, Olivia A. 2006. "Contribution à l'Archéologie brésilienne: Étude paléanthropologique de deux nécropoles de la région de Xingó, état de Sergipe, Nord-est du Brésil", tese de doutorado, Universidade de Genève, Suíça.
8. Carvalho, Olivia A., Alberico N. de Queiroz, Maria Cleonice de Souza Vergne. 2002. "A diagnose de sexo e idade em esqueletos humanos de sepulturas com ossos de animais do Sítio Justino (Canindé do São Francisco, Sergipe, Brasil)". *Canindé-Revista do Museu de Arqueologia de Xingó* 2 (2): 275-281.
9. Dominguez, José Maria e Arno Britcha. 1997. "Estudos sedimentológicos a montante da UHE de Xingó". Relatório de Consultoria, documento 4. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CHESF, PETROBRAS.
10. Donnan, Christopher B. 1982. "Dance in the Moche art". *Ñawpa Pacha* 20: 97-120.
11. Erikson, Philippe. 1983. "L'animal (sauvage, familier, domestique) en Amazonie indigène", dissertação de Mestrado, Universidade de Paris X-Nanterre, França.
12. Erikson, Philippe. 2012. "Animais demais...os xerimbabos no espaço doméstico Matis (Amazonas)". *Anuário Antropológico* II 2012, <http://aa.revues.org/143>. Doi: 10.4000/aa.143, 15-22
13. Fagundes, Marcelo. 2007. "Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, baixo São Francisco, Brasil", tese de doutorado, Universidade de São Paulo, Brasil.
14. Franch, José Alcina. 1997. "Cosmovisión andina y mesoamericana: una comparación". Em *Arqueología, Antropología, e Historia de los Andes: Homenaje a María Ostworowski*, editado por Rafael Varón Gabai y Javier Flores Espinoza, 653-675. Lima: IEP.

15. García Escudero, María del Carmen. 2010. "Cosmovisión Inca: Nuevos enfoques y viejos problemas", tese de doutorado, Universidad de Salamanca, Espanha.
16. Goepfert, Nicolás. 2008. "Ofrendas y sacrificio de animales en la cultura Mochica: El ejemplo de la Plataforma Uhle, Complejo Arqueológico Huacas del Sol y de la Luna". Em *Arqueología Mochica. Nuevos Enfoques. Actas del Primer Congreso Internacional de Jóvenes Investigadores de la Cultura Mochica, Lima, 4-5 de agosto de 2004*, editado por Luis Jaime Castillo Butters, Hélène Bernier, Gregory Lockard e Julio Rucabado Yong, 231-244. Lima: Institut Français d'Études Andines, Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.
17. Goepfert, Nicolás. 2010. "Les seigneurs mochica art, mort et sacrifice". *Archéologia* 476: 36-49.
18. Goepfert, Nicolás. 2012. "New zooarchaeological and funerary perspectives on Mochica Culture". *Journal of Field Archaeology* 32 (2): 104-120.
19. González Torres, Yólotl. 2001. *Animales y plantas en la cosmovisión mesoamericana*. México: Conaculta-INAH, Plaza y Valdés Editores, Sociedad Mexicana para el Estudio de las Religiones.
20. Jung, Carl Gustav. 2011. "A Índia: um mundo de sonhos". Em *Civilização em transição*, 236-245. Petrópolis: Vozes.
21. Leal, Inara R., José Maria C. Da Silva, Marcelo Tabarelli e Thomas E. Lacher Jr. 2005. "Mudando o curso da conservação da biodiversidade na Caatinga do Nordeste do Brasil". *Megadiversidade* 1 (1): 139-146.
22. Luna, Suely Cristina. 1996. "Os grupos ceramistas do Baixo São Francisco: primeiros resultados". *Cadernos de Arqueologia*, Aracaju: UFS, PAX, Petrobras, CHESF.
23. Martin, Gabriela. 1996. "O cemitério Pré-Histórico Pedra do Alexandre em Carnaúba dos Dantas, RN". *Clio-Série Arqueológica* 11: 43-57.
24. Martin, Gabriela. 2005. *Pré-História o Nordeste Brasil*. Recife: UFPE.
25. Moreman, Christopher M. 2014. "On the relationship between birds and spirits of the dead". *Society and Animals Journal of Human-Animal Studies* 22 (5): 481-502.
26. Queiroz, Albérico N. 1999. "Panorama de l'Archeozoologie au Bresil". Em *L'Amérique du Sud: Des Chasseurs-Cueilleurs à l'Empire Inca. Actes Des Journees D'Etude D'Archeologie Precolombienne, Geneve, 10-11 Octobre 1997*, 23-29. Oxford: Arhaeopress.
27. Queiroz, Albérico N. 2010. "Zooarchaeology in Brazil: From Yesterday to the Challenge of the New Perspectives". Em *Estado actual de la arqueozoologia latinoamericana*, editado por Guillermo Mengoni Goñalons, Joaquin Arroyo-Cabrales, Óscar J. Polaco, Felisa J. Aguilar. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología, Universidad de Buenos Aires.
28. Queiroz, Alberico N de, Olivia A. de Carvalho. 2005. "Les animaux dans les tombes de Justino, Xingó (Brésil) et leur rapport à l'archéologie brésilienne". *Révue de Paléobiologie* 10: 129-133.
29. Queiroz, Albérico N., Olivia A. Carvalho. 2008. "Problems in the interpretation of Brazilian archaeofaunas: different contexts and the important role of taphonomy". *Quaternary International* 18: 75-89.
30. Queiroz, Albérico N., Olivia A. Carvalho; Jaciara Andrade Silva, Carlos E. Cardoso. 2014. "Whole vertebrates and invertebrates related to human burials from Xingo region, Ser-

- gipe and Alagoas states, Northeastern Brazil”. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano* 1 (2): 122-128.
31. Reis, A. Carlos de Souza. 1976. *Clima da Caatinga*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências.
 32. Santana, Alquizia Dorcas Dantas de. 2013. “Datação por radiocarbono-AMS do sítio arqueológico Justino, Canindé de São Francisco, Sergipe”, dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil.
 33. Silva, Jaciara Andrade. 2013. “O Corpo e os Adereços: Sepultamentos Humanos e as Especificidades dos Adornos Funerários”, dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil.
 34. Simon, Christian, Olivia A. Carvalho, Alberico N. Queiroz y Louis Chaix. 1999. *Enterramentos na necrópole do Justino - Xingó*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe.
 35. Whitmont, Edward. C. 2002. *A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica*. São Paulo: Cultrix.